

# SERMAO

QUE PREGOV

O P. ANTONIO DE SAA  
da companhia de IESV

no dia que

S. MAGESTADE  
FAS ANNOS EM 21. DE AGOSTO  
de 663.



EM COIMBRA,

*Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de Thome Carvalho Impressor desta Vniuersidade  
Anno 1665.

S E R M A Õ

QUE TRAZEM

O F. ANTONIO DE SAA

da Companhia de IESV

no dia que

S. MAGESTADE

745 ANOS EM 21 DE AGOSTO

de 1671



EM COIMBRA

Em todos os pontos de venda

de livros e papéis de todas as partes do Brasil e suas vilas e cidades

de 1671



*Caro mea vere est cibus, & sanguis meus vere est potus.*

Ioannes. 6.



**O**S felices annos de Vossa Magestade, muito alto, &c. Os felices annos de V. Magestade; & por ferem de Vossa Magestade os mais felices, que ha muitos vio o mundo, solénifamos hoie na terra, & agradecemos ao Ceo; bem he que tam fermoso dia seia eterno pera nossa memoria, & vnico pera seu aplauso, que se era celebre entre os Persas o dia, que lhes deu hũ Xerxes, entre os Saragoçanos o dia, que lhes deu hum Timoleonte, entre os Athenienses o dia, que lhes deu hum Socrates, entre os Romanos os dias que lhes deraõ hum Cesar, hum Tito, hum Nerva, hum Adriano, & hum Antonio; celeberrimo deve ser entre os Portugueses este dia, que lhes deu hum Affonso Sexto: cujo real nacimiento seguiu a Portugal mais victorias, que Xerxes a Persia, mais felicidades, que Timoleonte a Saragoça, mais estimaçãõ que Socrates a Athenas, mais glorias, que Cesar, mais triumphos, que Tito, mais interesses, que Nerva mais lustre, que Adriano, mais grandetas, que Antonio; a Roma.

A estrela em cujos rayos me mandaraõ ler os pronosticos deste grande dia, he Christo Sacra-

mentado; estrela, na qual depois de por muitas vezes attentamente os olhos achei tam cuberta sempre de nuvẽs, que vim a sospeitar, que era sem duvida estrela do encuberto; & conferindo este pensamento meu com o nacimiento natural de vossa Magestade ao mundo, & cõ o nacimiento politico de V. Magestade ao Reino resolvi comigo, q se V. Magestade não era o encuberto esperado, era o esperado descuberto.

Esta resoluçãõ me levava gostosamente a gastar toda esta hora em defenganar, ou esperanças mortas, ou esperanças perdidas; porem fora desacreditar de inferior a estrela, que nos assiste se assim o fizera. Nos annos a q presidem estrelas naturais, basta dizer do sojeito, o que ha de ser, porque essas estrelas quãdo muito só mostraõ fortunas: nos annos a q assistẽ estrelas Divinas, & raõ Divinas ha de dizer do sojeito, o q ha de ser, & ha de dizer ao sojeito, o que deve ser, porq essas estrelas juntamente a pregoãõ fortunas, & preguam obrigações: apregoãõ fortunas, pelo que significãõ, & preguam obrigações pelo que sãõ: pera satisfazer pois a todas as desta solénidade reparti o trabalho entre mim e o sacramẽto, eu apregoarei as fortunas, o Sacramẽto pregarã as obrigações:

que Sua Magestade faz Anos.

& vê a ser a empreza do sermão esta. Vltimas venturas de Portugal sacramentado nos annos de seu Monarcha: obrigações reais de hū Monarcha sacramentadas no mysterio soberano do altar.

E se invocar o favor Divino nas acções grandes, & do cuidado publico he tão religiosa, & sabiamente vtil, que não só na verdade sagradamente catholica de nossa fe, se não ainda na superstição soberbamente errada da mesma gentildade se praticou este acertado costume, quando mais conveniente, mais justa, mais necessaria esta invocação, q̄ no dia em que chega a dizer de hū Monarcha pelo que he, & pelo que hà de ser mais glorioso, hū orador, pela insuficiencia de genio a menos opportuno? Q̄iãdo melhor, q̄ quando sem affeição de lisonheiro entre severidades de Evangelico sou obrigado a segurar nos aplausos reaes de vinte annos huã perpetuidade venturosa das maiores glorias? Assi pois omnipotente Senhor, athe aqui fundador, & libertador: agora conservador, & glorificador de Portugal, assistime cō desvelo muito particular de vossa graça pera q̄ seja esta oração digna de hū orador real, digna de Palacio, digna de Principe, ja q̄ a obediência soberana me empenha a este nūca mais, q̄ hoje alegre, & nunca mais, que hoje, difficultoso lugar.

Nasceo V. Magestade, & não nasceo o primeiro. Bẽ sei, q̄ assim

costuma nascer o Sol, pois nos refulsadores escalllos de huã estrela se enlayão septe futuros os sermos rayos deste Planeta Rey: mas em V. M. a ordẽ do nacimẽto teve a meu ver nada de attençaõ na natureza, & tudo de providencia na graça: nos outros Monarchas o nascer primeiros he cazo; em V. Magestade o nascer segundo foi eleição. Quis o Ceo q̄ nascesse segundo, porq̄ se visse, q̄ elle destinava a V. Magestade pera primeiro. Não he conjectura de meu affeito, he juizo taõbẽ fũdado, q̄ em todas as tres leis o fũda a mesma fe.

Na ley da natureza dos filhos de Adam, Abel, & não Caĩm, fo y o querido de Deos; dos filhos de Abraham Isaac, & não Ismael, foi o herdeiro das promessas; dos filhos de Isaac, Jacob, & não Isau, foi o progenitor de Christo; dos filhos de Joseph, Efraim, & não a Manaces, foi o deposito das bẽções. Na ley escrita dos de Arã, Moyses, & não Arão foi o Deos de Pharaõ e o redẽptor dos Hebreos. Na lei da graça dos filhos de Soria Pedro, & não Andre, foi a cabeça da Igreja. Dos filhos do Zebedeu João, & não Diogo, foi o amado do Senhor. Pois se João, se Pedro, se Moyses, se Efraim, se Jacob, se Isaac, se Abel avião de ser os preferidos, & os adiãtados, porq̄ não dispo o Ceo, q̄ nacesse primeiro q̄ Caĩm Abel, primeiro q̄ Ismael Isaac, primeiro q̄ Esau, Jacob, primeiro q̄ Manaces Efraim, primeiro q̄ Arão Moyses, primeiro q̄ Andre, Pedro; & pri-



## Sermão no dia

& primeiro que Diogo, Ioão? porque nisso se conhecem, & niffo se distinguem os predestinados da natureza, & os predestinados da graça, em nascer antes, ou em nascer depois. Aquem a natureza quer fazer grande, nasce ante; a quem a graça quer fazer maior nasce depois. Ser maior, & nascer antes, he excessão q̄ faz a natureza; nascer depois, & ser maior he ventajem que faz a graça: quem visse nascer primeiro que Abel a Caim, primeiro q̄ Isaac a Ismael, primeiro que Efraim a Manacés, primeiro que Moyses a Aram, primeiro que João a Diogo cudaria, que nascião antes por que avião de ser depois os maiores: & elles nascião antes, porq̄ a graça destinava pera maiores, os que avião de nascer depois.

Primeiro que Vossa Magestade nasceu o Senhor Principe D. Theodosio, & segundo nos mostrou o mesmo effeito, não nasceu primeiro pera que levasse a Vossa Magestade o trono; nasceu primeiro, pera que se visse, que o trono vinha do Ceo a Vossa Magestade; a ordem do nascimento foi destino, & não forte; Vossa Magestade, & não o Senhor Dom Theodosio era em quem o Ceo tinha determinado p̄ozer a Coroa, mas porque a Coroa em V. Magestade nunca parecessẽ preferencia, que despusera de algũ modo a natureza, senão eleição do q̄ fizera cudadozamente a gra-

ça, nasceu elle antes, & V. Magestade depois: grãde privilegio Senhor, receber o Sceptro da mão da graça, & não da mão da natureza: singular excelência Senhor reinar Monarchia não a cõtingências do nascimento; senão a providências do Ceo, & q̄ singulares vèturas he bẽ q̄ esperes Portugal? pois Principe tão profilhado da graça, não pôde deixar de ser escolhido pera admiração da natureza.

Chamou se Vossa Magestade Affonso, pode ser a cazo da parte dos homens, mas não hà duvida, q̄ foi misterio da parte do Ceo, affi como nas pedras fundamentais dos grãdes edificios se costumão esculpir letras nas quais depois de muitos annos se lê memorias do passado, alli tambem nos grandes homẽs, a quẽ Deos escolheo pera fundamẽto de cousas grandes os mesmos nomes que se lhes poem são hũas incripções, nas quaes desde logo se podẽ ler profecias do futuro. Escolheo Deos a Abraham pera Pay illustre de muitas gentes; & q̄ outra couza foi o nome da quelle Patriarcha, senão hũ pronostico certo de sua numerosa decendencia? Isto quer dizer Abraham, pay excelso. Escolheo Deos a Josuẽ pera salvador do povo Hebreo; & que outra couza foi o nome da quelle Capitão senão huma profecia anticipada de tão glorioso officio? isto quer dizer Josuẽ salvador. Escolheo aos doys filhos de Jacob pera cabeça dos doze Tribus

*que Sua Magestade faz Annos.*

bus de Israel, & que coula fo'ão os nomes daquelles irmãos, senão hum epitome prophetico de suas açoens? pelas significações dos nomes lhes annunciou Iacob a furtuna de seos successos: de maneira que aquelles a quem Deos escolheo pera fundamêto de gloriosas obras, nos mesmos trazem escritas humas como profecias do q̄ hão de ser, ou hús como epilogos proheticos do q̄ hão de obrar.

Isto posto: o nome de Affonso em Vossa Magestade senão he revelação certa do futuro, ao menos por contingencias do passado foi como propheticamente misterioso. Quis Deos fundar a Monarchia de Portugal, & a quem escolheo? escolheo a D. Affonso o primeiro, de sorte que quando Deos determinava que Portugal fosse Reyno, sobre o nome de Affonso allentaram as primeiras bazas, pois se Deos escolheo pera fundamêto do Reyno este nome, se Affonso por consequencia da quela eleição dis levantamento de Monarchia em Portugal, agora que conforme as prophcias quer Deos fundar em Portugal o Imperio, & vemos em Vossa Magestade o nome de Affonso, que ha que cuidar senão que escolhe pera fundamento do Imperio o mesmo nome que escolheo pera fundamento do Reyno? Se entre os Albanos o nome de Silvio, entre os Romanos o de Julio, entre os Latinos, o de Murano, entre os Aspiros o de Fi-

granes, entre os Molopos o de Pirro, entre os Egypcios o de Tolomeo, eraõ como nome fatidicamente sagrados, porque os primeiros Reys destes nomes, foraõ Reys de nome; entre os Portuguezes porque não hã de ser nome sagradamente fatidico o de Affonso? porque não hã de ser pronostico de fundaçam do Imperio em Affonso o Sexto? pois foi escolhido pera fundamento do Reyno em Affonso o Primeiro? se pera o comprimento destas felicidades està deputado o numero de seis, como diz o nosso Portuguez: aquelles que aos seis chegarem, teraõ quanto deseja-rem, que era mais perfeitamente de seis, que aquella aonde athe o Principe escolhido he sexto; se nos seis foi o numero escolhido do Ceo pera o Imperio, porque não sera també o numero de seis escolhido do Ceo pera o Imperador? Reforcemos estas coniecturas com húa evidencia. Tres redempçoens notaveis tem havido no mundo, huma em que os Hebreos saíram do captiveiro de Faraõ. Outra em que o mundo sahio do captiveiro de Satanàs. A terceira em que Portugal sahio do Captiveiro de Castella. Na primeira foi redemptor Moyes; na segunda o Verbo encarnado; na terceira o Senhor Rey Dom Affonso, digo Dom João o IV. Em todas ellas além da liberdade que se conseguia, entrevieram promessas de outras grandes, &

segun-



segundas felicidades; na dos Hebreos, as delicias da Palestina; na do mundo as enchentes da graça; na de Portugal a gloria do Imperio com destruição da Turquia (Agora comigo) & quem meteo aos Hebreos na Palestina? Iosue, que immediatamente entrou no governo depois de Moyse: & quem apoçou aos homens da graça? o Spirito Sancto que immediatamente veio ao mundo depois do Verbo: de maneira q̄ naquella duas redempções aquelles que immediatamente succederão aos redemptores, esses forão em quem as promessas vltimas se comprirão; pois se isto he assi, se nos successores immediatos se cūprem as promessas, & Vossa Magestade he quem immediatamēte succedeo ao redemptor Portugues, que se segue em boa consequencia? senão que no reinado de V. Magestade ha de ver Portugal suas promessas compridas; se assi succedeo na redempção dos Hebreos, se assi succedeo na redempção dos homens, que rezaõ ha pera que não succeda assi na redempção dos Portuguezes? O Monarcha felicissimo? em cujo nome verã encerrado o munudo todo o panegirico maior de suas glorias? Tomem embora outros Principes titulos magestosamente soberbos com que se fação conhecidos, & venerados: chame-se Sol Cyro, delicias do mundo; Vespasiam, ditoso, P. piano, guerreiro Flavio, fermoso Valerio,

Hercules com do; liberal Maximiliano que Vossa Magestade fica copiosamente engrandecido, & felizmente singularizado por Affonso Sexto.

Assi pronosticou Vossa Magestade nossas felicidades em seu nacimiento natural ao mundo, mas muito melhor as seguiu em seu nacimiento politico ao Reyno: & ste he o primeiro anno do reinado de Vossa Magestade; & que fiadores temos ja, digo não temos ja de nossas esperadas glorias nos venturosos successos deste primeiro anno? Hercules despedaçando serpentes no berço (como referē as historias humanas) affiançou as estranhesas heroicadas de seus maiores annos, que não pôde deixar de crescer entre tropheos, que engatinhou por triumphos. Sansão (como dis o texto sagrado) nas garras do filho de hum Leão, *Catulus leonis*, que sentio ao Nazareno causa fatal de sua ruina, quando o imaginava leve embaraço de suas presas, ensaiou a gloria singular de seus futuros successos; assi começou Hercules a vencer despedaçando serpentes; assi começou a vencer Sansão esquarterando hū filho do leão, & assi começa a vencer Vossa Magestade pois no mesmo berço de seu Imperio levantado sua bandeira, não como por peneira, mas muito às claras, senão as mãos, aos auspicios, que he mais de V. Magestade: ja como Portuguez Hercules vimos destruida a gripha

que Sua Magestade faz Annos.

pha de Castella, ja como de Samsam Portugues vimos vencido o filho do leam; & se aquellas duas acçoens bastaraõ pera dar a conhecer, quem avia de ser Hercules, que nascia, & quem avia de ser Samsam, q̄ nascera quem nasce ao Reyno como Samsam, & como Hercules, que virá a ser no mundo? Affonso sexto, Senhor o produza filhos o leão, aborte exercitos a gripha, que tantas palmas ha de cortar a V. Magestade, quantas batalhas lhe der; pella campanha se haõ de numerar os triumphos; nem há que temer da variedade dos successos da guerra, nem da inconstancia das felicidades, do mundo, porq̄ a dita de V. Magestade não he favor contingente da fortuna, he assistencia empenhada do melhor do Ceo. Assi o mostraraõ as sagradas imagens de Christo, & Maria, q̄ villa de Santarem como finais taõ manifestos, & prodigiosos assistiraõ ao bom successo de nollas armas, succedendo na hermidia os milagres no mesmo tempo, q̄ os Portuguezes faziaõ maravilhas na campanha; & fortunas taõ particularmente assistidas do Ceo, saõ pronostico certissimo de huma firme, & permanente prosperidade na terra.

Na Batalha que os Israelitas em defença da Cidade de Gabaoõ deraõ ao numeroso campo Del Rey Adonisedec, vio Josuè a seus contrarios taõ facil, & felizmente desbaratados, que co-

mo se deste successo presente formasse hum juizo profetico dos futuros, assentou consigo, & disse aos seus, que da li por diante não tinhão que temer inimigos, porque aviaõ de vencer, & destruir a todos. *Nolite timere confortamini, & stote robusti, sic enim faciet Dominus cunctis hostibus nostris.* E donde o tirou Josuè? Huma victoria não he prophesia infalivel de outras; & porque não vamos mais longe, o mesmo Josuè o experimentara assi poucos dias antes, pois derrubando primeiro ao clamor fomite de vozes, & de trombètas às muralhas da grande Hyericò, não pode depois entrar a força de armas os muros da pequena Hai: que fundamento teve logo Josuè pera esperar taõ confiadamente huma perpetuidade successiva de triumphos? O certo he que esta esperança taõ confiada não se fundou na ventura da batalha, se não na causa da ventura. Diz o texto, que na occasiaõ deste conflicto enrolando Deos esse estrellado pollo do Ceo ( que assi lhe chamou David ) como se fora manto militar, que cercava no braço, pelejara em favor dos Israelitas, fazendo parar o Sol, & a Lua, athe se de bellar de todo o exercito dos contrarios: *Steteruntque Sol, & Luna obediente Domino voci hominis, & pugnante pro Israel.* E deste empenho que Josuè vio de sua parte no Ceo se prometeo seguras as felicidades



na terra, que quando as venturas vem da mão de Deos, das que vierão se inferem as q̄ hão de vir, & na despozição dos primeiros beneficios se conhece a successão dos segundos. O caso he tão semelhante ao nosso nas circumstancias, & o nosso excede em algumas tanto, que será herege da boa rezaõ, quem negar, que pôde Vossa Magestade dizer aos seus Portuguezes o que Iosué aos seus Israelitas disse.

Os Israelitas pelejaraõ por de fender hũa das Cidades Reaes da Coroa dos Cananeos. *Gabaon vna Civitatum regaliũ*: os Portuguezes batalharaõ por livrar a Évora hũa das Cidades Reaes desta Coroa: os Israelitas pelejaraõ cõ a gente de Adonisedec Rey de Hierusalem, que conforme interpreta Scario val o mesmo, q̄ aquelle Principe, que finge Justiça; *Adonisedec Rex Hierusalem, id est, ille Princeps, qui justitiam simulat*: os Portuguezes batalharaõ cõ o campo de Phelippe Rey de Castella, & Rey que finge justiça contra Portugal. Os milagre cõ que Deos mostrou a Josué sua assistencia obraraõse no Sol, & na Lua, *steterunq̄ue Sol, & Luna*: os prodigios com que Deos manifestou sua assistencia a Vossa Magestade, virão-se tambem no Sol, & na Lua; mas em melhor Sol Christo, & em melhor Lua Maria. Aquelles milagres segundo cõputo dos expositores succederão em hũ mes dos Hebreos, q̄

responde parte ao nosso mayo, & parte ao nosso Junho: Serario, *Vi debetur in principium mensis, qui partim nostro mayo, partimque nostro Junio respondit hac sydera in sydere stantia*. Estes prodigios acontecerão parte no nosso mes de Junho; ha semelhança mais propria? pois se Iosué daquelles materiaes Planetas milagrosamente parados entêdeo o favor particular do Ceo: & se pronosticou huma perpetua corrente de prosperidades; Nestes Planetas Divinos Christo, & Maria prodigiosamente movidos em suas Imagens, quem duvidará que pôde Vossa Magestade com mais rezaõ conhecer a patrocínio special de Deos o prometerse huma gloriosa continuacão de victorias? Que o Sol (diria Iosué) parasse o curio doze horas? Que hũa Imagem de Christo (põde dizer Vossa Magestade) faça varios movimentos tantos dias? o Sol que por sua mesma natureza he a mesma velocidade? huma Imagem que pella materia, & representacão não tem alguma vida? que a Lua por tanto espaço de tempo perseverare immovel, & constante? Que huma Imagem de Maria com tão repetidos assombros incline a cabeça, abra os olhos, mude as cores, de palidas em alegres? a Lua que nunca soube mais que mudar-se? huma Imagem tão mortal sempre pela occasião, que tem em seus braços, q̄ he huma piedade? E isso quando os me-

que Sua Magestade faz Annos.

os meos Israelitas pelejam; & isto quando os meos Portuguezes ba talhaõ? he grande empenho do Ceo por parte do meu campo, he grandissimo empenho do Ceo por parte de minhas armas; pois animo meus Israelitas valentes:  *nolite timere*; pois animo meus Portuguezes valerosos: *Confortamini, sote robusti*. Porque assim como destrocastes as esquadras DelRey Adonifedec; porq̃ assim como rompestes o exercito DelRey Phelippe; assim aveis de vècer a todos vossos inimigos: assim aveis de sojeitar a todos vossos contrarios; athe tomar posse da terra que Deos vos tem prometido; athe ser senhores do mundo, como vos està prophetizado: *sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris*.

Confirmemos vltimamente estas nossas felicidades, que prometi mostrar sacramentadas nos annos, & vida de Vossa Magestade com duas cousas muito dignas de ponderaçõ neste milagroso cazo; He a primeira que se obrou a maravilha em toda a Imagem de Christo; he a segunda que se obrou em hũa Imagem de Christo fóra da Cruz. Quanto à primeira obrouse amaravilha em toda a Imagem de Christo, porque ouve mudança na cabeça, que ficou mais leyantada, nos braços que ficarão mais caídos; nos pés que ficarão mais patentes, no sangue que ficou mais vivo, em fim toda a Imagem de

Christo foi hũa imagem de prodigio; & isto não pôde deixar de incluir muito misterio. Tres vezes se mostrou Christo milagroso em favor de Portugal, huma no principio do reinado DelRey Dom Affonso Henriques, outra no principio do reinado do Sñr. Rey Dom João o IV. E esta agora no principio do Reynado de Vossa Magestade. Na primeira empenhou em nosso patrocínio sua palavra, porque falou; na segunda empenhou hum braço, porque o despregou da Cruz; na terceira empenhou tudo, porque de pés à cabeça toda a Imagem se mudou. Pois se na primeira occasião, se pera instituir de novo hum Reyno empenha sua palavra somente; se no segundo successo, se pera libertar esse Reyno havia tantos annos captivo empenha somente hum braço, q̃ quer dizer empenhar-se agora todo? o Monarcha vnicamente felis, o Portugal, huma, & muitas vezes venturoso?

Quis Deos criar os Ceos, & a terra, & custoulhe hum aseno mudo de sua vontade: *In principio creavit Deus Cælum, & terram*: quis crear alus, os astros, as aves, os peixes, as plantas, os animais, & meteo pera tudo o cabedal de hũa vox: *fiat lux: fiant luminaria, producant aquas, germine terra*. Quis vltimamente crear ao homem, & que succede? empenha sua sabedoria: *faciam hominem*: empenha sua mesua vida: *inspiravit in faciem*



*ciem eius*: Finalmente (como diz Tertuliano) desde amão ao engenho, & desde o gosto ao cuidado se empenhou amorosamente todo. *Considera totum Deum occupatum*. De sorte que segundo he maior, ou menor a excellencia do affecto, que se intenta, assi he maior, ou menor o cabedal com que Deos se empenha. Ouve de produzir creaturas por sua natureza menos illustres quis somente; & moveraõse esles inquietos Orbes do Ceo, & formou se esta pezada maquina da terra, ouve de produzir logo creaturas per suas calidades, & por suas decencias mais nobres, fallou, & luziram no firmamento ástros, & voaraõ no ar aves, & nadaraõ no mar peixes, & brota raõ na terra flores: ouve de produzir depois ao homem de todas creaturas corporeas a maior, empenhou se todo, & formou se hũ Adam pera Imperador do mundo. Se o maior empenho em Deos he argumento de maior soberania no effeito, maiores cousas intenta obrar no Reynado de Vossa Magestade, do que obrou na instituiçaõ, & restauraçãõ do Reyno. Se sua palavra faz hum Reyno, se seu braço restaura hũa Monarchia, todo empenhado, que grandezas não promete? que venturas não segura? se quando se empenha todo no campo Damasceno he pera formar hum Adam Senhor absoluto do Universo, quando se empenha també

todo em Portugal com muito fundamento podemos esperar outro Adam formado senão pera a primacia do ser, pera os privilegios, & senhorio.

Obrou se a maravilha em hũa Imagem de Christo tirado dos braços da Cruz pera os braços de Maria, que era o nõsso segundo reparo, Christo fóra da Cruz patrocinando a Portugal? misteriosamente novidade; à conta de Christo Crucificado esteve sempre o nõsso Reyno, & os nõsso Reys; Crucificado levantou o Reyno em Dom Affonso o primeiro que lhe appareço no campo de Ourique; Crucificado libertou o Reyno no Senhor Dom João o IV. quando em sua Coroaçaõ despregou o braço nesta Cidade; pois se desde a Cruz patrocinou sempre aos Monarchas passados de Portugal? como agora deixa a Cruz pera patrocinar ao nõsso presente Monarcha? Querera significar que ja se acaba pera Portugal a Cruz de tantos trabalhos? Querera significar que o Ceo a quinas, ou a bandeiras despregadas esta todo por Portugal? Querera? querera significar, que o amparo de Portugal dos braços da Cruz passou a andar nos braços de Maria? Tudo isso querera significar, mas a meu ver o que mais que tudo nos quiz Christo significar nesta mudança foi que se athe-gora assistia Crucificado a Portugal, & seus Princepes, agora queria assistir Sacra-

que Sua Magestade faz Annos.

Sacramentado a Portugal, & a seu Principe; fundame este juizo hũa grande semelhança que acho na Escriptura Sagrada.

Pouco tempo antes da morte de Moyses, mandoulhe Deos que depositasse no tabernaculo aquella prodigiosa vara, com que athe ali abrindo mares, afogando exercitos, & abrandando penhas, guiara, & favorecera os Hebreos: *Refer virgam in tabernaculum; & a que fim este retiro da vara? se Josuè ha de substituir no governo a Moyses, porque o não acompanhará, & patrocinará huma vara? Porque a Josuè ha de acompanhar, & patrocinar a arca? ella ha de abrir o Jordaõ, ella ha de bater, & derrubar os muros de Hyericõ, ella ha de obrar todas as outras maravilhas, que na entrada da terra prometida experimentaraõ os filhos de Israel? era aquella vara simbolo da Cruz, era aquella arca figura do Sacramento, como dizem communmente hũa, & outra couza os Santos; & porque Deos queria assistir, & amparar a Josuè cõ o Sacramento, por isso mandou por de parte a Cruz. Logo se Christo deixa nesta occasião a Cruz com que assistio a nossos Reys passados, final vem a ter de que quer assistir a Vossa Magestade com o Sacramento; & que bellamente o confirma o successo? a Cruz deixada ao tempo da campanha em Santarem, & o Sacramento assistente aos annos de*

Vossa Magestade em Lisboa; O que felicidades promete esta protecção Senhor? O que boas fortunas a Portugal? Moyses com aquella vara figura da Cruz libertou o povo do captiveiro de Pharaõ; Josuè com aquella arca simbolo do Sacramento mereo o povo na terra de promissão; com o patrocinio de Christo crucificado nos livrou o Senhor Rey D. Ioaõ do jugo de Castella, que nos oprimia. Com assistencia de Christo Sacramentado nos ha de apossar Vossa Magestade das promessas que o Ceo nos fez.

A Cruz, o Sacramento obraõ cada qual conforme seu genio; a Cruz resgatou o mundo; o Sacramento eternizou o resgate; *aterna redemptione inventa*: a Cruz abriu as portas do Ceo: o Sacramento mete das portas a dentro da Gloria: *Qui manducat meam carnem, habet vitam aeternam*: a Cruz não foi desempenho total, & adequado das promessas divinas, o Sacramento si. Quatro promessas insignes fez Deos ao mundo de encarnar, de morrer, de resuscitar, & de se sacramentar; & só o Sacramento foi o desempenho de todas juntas; a encarnação não foi desempenho da morte, porque Deos encarnado não he Deos morto; a morte não foi desempenho da resurreição, porque Deos morto, não he Deos resuscitado; a Resurreição não soy desempenho do Sacramento, por q̃ Deos resuscitado, não he Deos Sacra-



Sacramentado. Porem o Sacramento foi desempenho de tudo. Porque o Sacramento contem, & inclui Deos encarnado; Deos Sacramentado, Deos morto, Deos resuscitado. Deos encarnado por extenção. Deos morto por representação; Deos resuscitado por existencia; & Deos Sacramentado por essencia. Debaxo pois do amparo da Cruz remiose Portugal; debaixo do patrocínio do Sacramento será eterna essa redempção; debaixo do amparo da Cruz abriãose as portas a nossas ventura; de baixo do patrocínio do Sacramento entraremos das portas adentro de nossas felicidades; de baixo do amparo da Cruz desempenhou o Ceo huma só promessa, a de nossa liberdade; de baixo do patrocínio do Sacramento desempenhará todas, como tão ajustadamente esperamos.

O Monarcha Augustissimo, q̄ não será bê q̄ espere de V. Magestade se reina cõ eleição declarada do Ceo, & cõ auspícios tão prezentes do Sacramento. Athe agora cahia Castella nas mãos de Deos morto na Cruz: pois q̄ Deos morto estava por Portugal: agora está por Portugal Deos vivo no Sacramento; nas mãos de Deos vivo cahirá Castella; & q̄ horrêdo modo de cair, diz Paulo, *horrendū est incidere in manus Dei vivemis*: o Sacramento foi onde Christo obrou o maior milagre: será V. Magestade hū grãde milagre de Christo;

no Sacramento rematou Christo os prodigios de sua vida, em V. Magestade se coroarão os protentos de Portugal: & finalmente será V. Magestade nos olhos divinos (ô, alli o queira o Senhor) hū Abel pera agrado, hum Isaac pera as promessas, hum Jacob pera o cuidado, hum Efraim pera as bençoens, hum Moyes pera os prodigios, hum Pedro pera o Principado, hum Ioão pera os favores, & Affonso Sexto pera tudo.

Atequi falei eu de Vossa Magestade: agora fala com V. Magestade o Sacramento. Eu apregoei as venturas: elle pregará as obrigaçoens. *Caro mea verè est cibus, & Sanguis meus verè est potus*. Minha carne em verdade, diz o Senhor, he manjar, & meu sangue em verdade he bebida; nestas palavras ha nomes: *Caro mea, sanguis meus*: ha verbos: *est: est*: ha adverbios: *verè, verè*; & como tudo pertence ao mysterio soberano da Eucharistia, cada palavra he hum mysterio; não ponderaremos todas, porque não ha tempo pera tanto, trataremos só as que deve imitar hum Monarcha em todo o tempo. E a primeira cousa, em que reparo, he na quella forma do juramento; *vere, vere*, em verdade, em verdade, quando Christo instituiu o Sacramento, nê na consagração de seu corpo, nê na consagração de seu sangue rzou de semelhante modo

modo de falar; confagrou seu corpo, & disse; *hoc est corpus meum*; confagrou seu sangue, & disse; *hic est sanguis meus*. Pois se ali não se ouve hum *vere*; que rezaõ ha pera que aqui tão cuidadofamente as dobre: *vere*, quando promete de confagar seu corpo: *vere est cibus*, *vere*, quando promete sacramentar seu sangue; *vere est potus*. Não procedera Christo como quem era, se assi não procedera: estas palavras foraõ consequencia de huma longa disputa, que o Senhor teve cõ os Hebreos a serca do Sacramento do Altar; na qual depois de propor huma, & outra vez este mysterio em hũ dos Hebreos achou murmuraçõ de sua pessoa: *murmurabant de illo Iudei*; em outros achou duvida de sua palavra; *Litigabant ad invicem quomodo potest*. E vendose o Senhor tão opinado no conceito atrevido da quella turba, pera desfazer seus errados juizos assevera huma vez com juramento; o que dizia *vere*, & torna a segurar segunda vez *vere*: porque ainda que pera sua pessoa particular, bastava a consciencia de sua summa verdade, com tudo como pessoa publica, não devia premitir sospeitas contra seu decoro na estimaçõ alhea.

Esta he a primeira advertencia politica q̃ esse Principe Deos fas aos Príncipes homens: a opiniaõ he tanta vida da Magestade, que chegarãõ a dizer grandes engenhos, que importava mais que

a verdade mesma. O certo he, q̃ alem da verdade, he muito necessaria a opiniaõ; A verdade fas ao Rey bom Principe nos olhos de Deos; a opiniaõ faz ao Principe bom Rey no juizo dos homens: quiza esta he a pençaõ maior das Magestades humanas, necessitar da verdade propria, & necessitar da opiniaõ alhea; necessitaõ da verdade pera sua consciencia, necessitaõ da opiniaõ pera seu officio: os Reys são homens pera si, & são Reys pera os seus; Pera si pera as açoens secretas, poderam viver como quizeram: Pera os seus, pera os exemplos publicos devem proceder como devem: em fim saltar à verdade he não ser homem, saltar à opiniaõ, he não ser Rey.

Com juramẽto prometeo Herodes à filha de Herodias que tudo quanto pedisse lhe daria em premio da lasciva desenvoltura com q̃ na celebridade de seus annos dançara; pedio ella mais livre na petiçaõ, que nas mudanças, a cabeça do Baptista, & diz o texto, que El Rey le entristicera; *& contristatus est Rex*. Eu não sei de que se podia entristicer. Herodes como consta do mesmo texto dezejava muito tirar a vida ao Baptista, & se não temera o povo ja o tivera morto: *volens illum occidere, timuit populum*. Pois se lhe pedem que execute o que dezeja, porque se entristece? Porque he Rey, ainda que seja Herodes. Em Herodes avia ser, & avia dignida-



Sermão no dia

gnidade: era Herodes, & era Rey, ao Herodes estava bem aquella morte, porque evitava as reprehensões do Baptista: ao Rey estava muito mal aquella tirania, porque se tirava a vida a hum innocente; & cuidadoso de sua reputação este Principe se bem se alegra pelo Herodes, entristicia-se pelo Rey: mostrou tristeza na mesma occasião em que executava o que queria, porque não cuidassem delle os presentes que matava homêes por fazer seu gosto, se não pera cumprir seu juramento; fazendo ser acto religioso, o que era em si acção tirana. E por isso o Evangelista (fechemos o conceito) sendo que em quanto lhe descreveo a vida lhe chamou Herodes, & não Rey: *Tenuit Herodes: placuit Herodes: Quando o descreve triste chama-lhe Rey, & não Herodes: Contristatus est Rex.* Porque ainda que faltar abundade da vida era ser Herodes, attender ao lustre da opiniao era ser Principe homem, que tendo os costumes de Herodes, não quer ter de Herodes a reputação, não se lhe pode negar que he Rey: *Contristatus est Rex:* tanto importa a opiniao nos Reys que athe hũ Herodes tem cuidado da opiniao.

Onde o lugar he soberano, não deve ter lugar a estimacão: quem he mais que homem no officio, ha de ser, & parecer mais que homem nas acções, não cuidem os Principes, que por estar

muito altos parecem seus vicios mais pequenos, antes a maior altura os faz mais feos: nas distancias grandes qualquer apparencia menos lustrosa basta pera fazer de fermosuras fealdades; nunca ouvistes dizer dos signos dessa celeste Zona, o leão, o Carneiro, o escorpião, pois he por ventura, porque aja là estas cousas? Não ha tal; são estrellas, com tal disposição que fazem esta, ou aquella apparencia a nossos olhos; & por que a nossos olhos o que em si he estrellas representa alguma semelhança de leão, julgando garras, o que são rayos, chamamos he leão, & não estrellas; Eis aqui como as maiores alturas, q̄ podião parecer afillio das faltas são perigo? Pois o mesmo lusimento, ou de mal visto elle por disgraca, ou de mal vistos nós pela distancia corre por animal, o que he Astro. Os subditos como tem por exemplar das suas, as acções do Principe pera copiarem si liberdades, do menor defeito que vem nelle, fazem a demasia maior. E no cabo o Principe ha de dar conta a Deos do defeito que fez, & das liberdades que nos outros occasionou seu defeito, & sendo ordinariamente facil o perdão desse defeito pelo que teve de culpa, será sempre difficiloso pelo que teve de escandalo. Terrivel carga, mas necessaria a tanto cargo, a providencia Divina como tão apontada em tudo, não quis que faltasse a vida dos Principes, o q̄ pro-



proteção e cuidado summo para a vida dos vassallos; acudio à vida dos vassallos com a guarda das leys; acudio às vidas dos Principes com as leys do resguardo: os vassallos devem guardar, o que os Reys ordenão, os Reys devem guardar-se do que dizem, & do que dirão os vassallos.

Por isso eu entre tantos concelhos, quantos ha nas Monarchias, achava menos hum, & esse muita necessario; ha concelho real do estado; ha concelho real da guerra; ha concelho real da fazenda; & porque não ha de aver concelho real das murmuracoes? Ou concelho das murmuracoes reais? parecerá paradoxo este concelho. Mas eu sei Rey, & muito grande Rey, que o tinha; quem seria? Foy IESVS Christo; vede se foy grande Rey; pois deste diz São Matheos: *Interrogabat discipulos suos, quem dicunt homines, esse filium hominis*: que perguntava, & consultava a seus ministros sobre o que dezião as turbas. Se hum Rey, que era a summa verdade, & a summa innocencia, tomava concelho sobre as murmuracoes do povo: porque o não tomaraõ os Reys, que nem são verdade, nem innocencia summa? Se ha concelho para bem da fazenda; se ha concelho para bem da guerra; se ha concelho para o bem do estado; porq̃ o não avera para o bem do Rey? imposta meão, o bem do Rey q̃ a fazenda? que a guerra? que o es-

tado? Antes do bem do Rey depende a conservaçã do estado, a felicidade da guerra, o augmento da fazenda. Ora assim cuidava eu comigo quando vim a entender, que não faltava nas cortes este concelho; os concelheiros são os que faltão; quantos concelhos ha todos são concelhos para o q̃ se diz, & para o que se dirã; no concelho do estado, ha-se de dizer ao Rey, o que se diz, & o que se dirã na disposiçã do governo; no concelho de guerra ha-se de dizer ao Rey, o que se diz, & o q̃ se dirã na disposiçã das campanhas; & no concelho da fazenda, ha-se de dizer ao Rey, o q̃ se diz, & o que se dirã na disposiçã das rendas; & assim em todos os outros concelhos: q̃ esta he a obrigação dos ministros; & mais dos mais familiares. No tribunal de sua justiça determinava Deos castigar aos Hebreos pelo peccado da Idolatria, & que lhe diria o seu valido Moyses? *Ne dicant Egyptij*; & bem Senhor, & que dirão de vós os Egyptios? Se a Deos diz o seu privado, o que dirão os Egyptios: aos Reys, porque não haõ de dizer seus familiares o que dizem, & o que dirão os povos? ja que são os amados, não serãõ os amantes? Não attentarãõ pela opinãõ do Rey, ja que o Rey fia de seus arbitrios sua opinãõ? E attentem como devem; pois he parte tão real, q̃ o mesmo Christo sendo por sua essencia a mesma verdade, & santidade mesma, pro-



curou com juramentos repetidos desfazer as erradas imaginações de huma turba contra seu credito: *verè, verè.*

*Caro mea verè est cibus*: he cousa notavel, que sendo Christo, o q principalmente sacramentou na Hostia seu Sagrado Copo; *Caro mea*: não o sacramentasse com *vbi circumscriptivo*, que he proprio dos corpos, senão com *vbi diffinitivo*, que he proprio dos espiritos: que rezão averá pera dar a hum corpo tão novo modo? A rezão a meu ver he esta. Huma das causas que Christo teve pera instituir o Sacramento, como elle mesmo disse, foi a real, & pessoal assistencia, que ate o fim do mundo quis fazer na Monarquia de sua Igreja. *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem seculi*: o modo circumscriptivo poem a cousa repartidamente no lugar, parte, em parte, & todo em todo; de forte que donde estão as mãos, não está a cabeça, onde está a cabeça não está o peito, & cada parte do corpo está em sua parte do lugar. O modo diffinitivo poem a cousa indivisivelmente no lugar; toda em todo, & toda em qualquer parte: de maneira que em qualquer parte do lugar está o peito, está a cabeça, estão as mãos, & finalmente está o corpo todo. Se Christo no Sacramento tomara modo circumscriptivo; sendo repartida a Hostia logo seu corpo ficava partido, & não podia ser todo pera todos; a hum ca-

berião as mãos, & là hiaõ todas as muerçes; pera outro caberia o lado, & là hia todo o amor pera outro: a este caberia a cabeça, & là hiaõ todas as licenças pera este; àquelle caberiaõ os pès, & là hiaõ todos os esquecimentos pera aquelle. Tomando porem modo diffinitivo ainda que a Hostia se parta, sempre a li fica todo pera todos, & todo pera cada hum: pois deste modo quis Deos assistir ao governo de sua Igreja, por que deste modo deve assistir a seus estados, quem governa, todo pera todos, & todo pera cada hum.

Se o Sol se inclinara samente a Gigante, não fora Sol; tanto direito tem pera sua vida a mais humilde planta, que ao pè da montanha serve de pasto perpetuo à voracidade das feras; como os mais empinados Cedros, com cuja pompa se coroa soberbamente o cume. O nobre senhor, & poderoso, não tem obrigação de fazer bem a todos: porque não tem o poder todo, tem algum poder: porem o Rey, o Principe, he Sol com todo o resplandor: a todos deve dar sua luz, & sua influencia a todos. O dia que o Sol assistio parado com suas luzes a Iosue, foi tal a consulam, & descõpostura, que ouve no vniverso, que alli como durou doze horas o favor, se durara muitos dias perrecera o mundo; se doze horas que o Sol se mostrou Sol pera Iosue samente, bastaraõ pera des-

que Sua Magestade faz Annos.

compor o mundo, que desordem, que desconcerto, não averá em hum Reyno aonde ouver Iosue, que todas as horas leve sómente o Sól? Que premio esperarà o merecimento? Que favor a nobreza? Que cuidado o povo; triumphará Josue, & chorará todos, & que mayor desconcerto? Que mayor desordem?

Ha de ser o Principe pera todos, & ha de assistir a todos: Christo Sacramentado não ha parte alguma na Hostia, em que não esteja; o Principe não ha de aver parte nenhuma no Reyno, aonde não assista, & como pôde ser que hum Principe assista em partes tão distantes, como são as que compoem o todo de húa Monarquia? Como? aja modo diffinitivo, & logo isso se faz facilmente; assi como ha modo diffinitivo natural, qual he o que tem Christo; assim tambem ha modo diffinitivo politico, qual devem ter os Principes. Christo está em qualquer parte da Hostia, porque se poem diffinitivamente em toda: ponha se o Principe diffinitivamente no todo de seus estados, & logo assistirá nas mais remotas partes do Reyno; assista diffinitivamente nas resoluções, que se tomaõ no concelho de guerra, & logo assistirá nas frentes de tras os Montes, do Minho da Beira, do Alentejo. Assista nas resoluções que se tomaõ no concelho de estado, & logo estará nos estados de Portugal,

da India, & do Brasil: & não se executem as consultas, sem que as veja, & as defina o Rey, & logo assistirá todo a todo o Reyno, & todo a qualquer parte.

Esta assistencia, & este cuidado importa muito ao Rey, & importa muito ao Reyno; importa muito ao Rey, porque na desatenção dos Principes, se lavra a materia de sua ruina: nunca ouve descudos na cabeça, que não ouvesse contingencias na Coroa; o Rey que fecha os olhos ao desvelo, dá de olho ao infortunio. Tirou Deos huma costa do lado de Adam, pera a fabrica de Eva, mas quando lha tirou? *Immisit Dominus Deus soporem in Adam:* diz o texto sagrado, que lha tirou estando Adam dormindo, & não acordado; porq̄ delto principio do mundo quis Deos advertir ao Principe de seus danos, & seus descudos. Adam era senhor; Eva avia de ser principio da ruina de Adam: Pois tire se a costa de Adam dormindo: porq̄ entendaõ os Monarcas, que de seu sono nascem as occasioens de sua ruina. Em se descudando o Rey, em dormindo o Principe ate seu lado dá costas pera sua desgraça.

Assi importa muito ao Reyno, porque o Reyno a cujo governo falta o desvelo do Monarca, não he Reyno, he confuzão; a hum instrumento composto de muitas cordas compara Santo Agostinho huma Monarquia formada



mada de diferentes estados. No instrumento musico preside hum entendimento, governão muitos dedos, & obedessem todas as cordas: com tal dependencia porrem das cordas nos dedos, & dos dedos ao entendimento, que se faltar o entendimento, por mais que se canção os dedos, não pode aver consonancia, senão confusão nas cordas: no instrumento politico de huma republica, o entendimêto, que preside, he o Principe: os dedos, que governaõ, são os ministros, as cordas, que obedessẽm são os vassallos, pera que nesta senão veja menos o acorde não basta o movimento dos dedos: he necessaria a presidencia do entendimento; não basta, que governem os ministros, he necessario que presida o Principe: que de luzidos ministros não deixão o Sòl ao mundo quando se auzenta: & com tudo não podem tantas luzes de ministros empedir as trevas do mundo, por mais estrellas que sejaõ os ministros; por mais que resplandessa em suas açoen a authoridade de hum Iupiter, a prudencia de hum Saturno, a valentia de hum Marte, a sagacidade de hum Mercurio, senão assiste o Sòl do Principe tudo será confusão, tudo será escuridade no Reyno.

Mais se interessa na menor assistencia do Principe, do que no mayor cuidado dos ministros, a toda a lei dos ministros reina o

imperio das sombras; a qualquer sombra do Principe seguem influencias da luz. Entre todos os Apostolos só de São Pedro se le, que remediasse os males alheos com a sombra propria; nos outros, ou a virtude de suas plantas, ou a efficacia do tacto tirava as enfermidades; em Pedro só o toque de sua sombra punha em pè os enfermos. Era Pedro cabeça, era Principe da Igreja, & no Principe basta a sombra, pera por em pè ao Reyno; os outros Apostolos só faravaõ a quem tocavam: a sombra de Pedro tocava a hum, & levantavaõse todos: não menos differença vai de hum Reyno metido nas mãos dos ministros, a hum Reyno posto à sombra de seu Rey: os ministros só faraõ a quem tocam, ou a quem lhes toca, ou a quem os toca, o Rey toca a hum, & todos faraõ; he a sombra do Rey ao benigno, o que a sombra do rayo ao cruel; dà o rayo no meyo de huma praça a sombra a hum, & caem muitos, a aquelle derrubou a violencia, a este o temor: presentanse ao Rey muitos necessitados de seu Reyno, que são pretendentes, aquelles enfermos de sua ambição, estes de suas queixas: toca a sombra, chega o favor do Principe a hum, levantanse todos, ao tocado levanta o beneficio, aos outros a esperança, & tendo o Reyno tam limitado remedio de seus males nas mãos dos ministros, & tam universal



na sombra do Rey, seria bem que lhe faltasse esta sombra, & o metessem naquellas mãos? Nem he isto o que Christo adverte no Sacramento, onde por assistir todo a todos, & todo a tudo tomou o modo definitivo, que he proprio dos Espiritos, sendo que sacramentava principalméte seu corpo: *Cavo mea vere est cibus.*

*Cavo mea sanguis meus:* a minha carne he manjar, & meu sangue he bebida; porque não sacramentou o Senhor expressamente sua alma, & sua Divindade, senão seu corpo, & seu sangue? Reparaõ neste lugar todos. Responde singularmente Santo Thomàs, que fizera Christo assim, porque quis despende em bens dos homens, o que recebera dos homens para seu bem: a alma recebeu Christo de Deos, a Divindade do Pay, & dos homens, que recebeu na encarnação? Recebeo o corpo, & recebeu o sangue; & isto pera que? Pera remedio, & salvação dos homens: pois sacramentou o Senhor expressamente o corpo na Hostia, & o Sangue no calix: pera que entendaõ expressamente os homens, que se lhe deraõ pera seu remedio esse corpo, & esse sangue; esse corpo, & esse sangue se empregava em seu remedio, *quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.*

Divina politica na verdade; & que todos os Monarcas de-

vem trazer muito diante dos olhos: obrigação he dos vassallos dar aos Principes; não só pera socorro das necessidades publicas, senão tambem pera ostentação da grandeza propria. Dous dias de real autoridade teve Christo neste mundo: hum no cume do Tabor, & outro na entrada de Hierusalem. Naquelle os elementos, & Ceos gastaraõ o melhor, que tinhaõ pera suas galas: o Sòl, as luzes, & a neve a branca: neste os Apostolos, & o povo atrojaraõ a seus pés as mesmas capas, pera que pisadas servissem a seu triumpho; que ate a capa ha de dar o vassallo, ainda que não seja mais, que pera ser pisada do Rey: porem não he justo, que dando eu a minha capa pera que ElRey a pize, em lugar de aver a seus pés áveja em outros ombros. O que se pede pera o Rey; o que se pede pera as fronteiras, gastese com o Rey; gastese com as fronteiras; o que se pede pera os soldados gastese com os soldados, & veja o Reyno, que se o dà, na quilo pera que o dà, se gasta.

Ao Propheta Abacuh, pediu hum Anjo pera Daniel, que estava no lago dos Leoens, a comida, que levava aos trabalhadores, que trazia na sega do campo; & diz o texto sagrado, que romandando ao Propheta pellos cabellos o levava a Babilonia, & o posera sobre o lago donde Daniel estava! *Portavit eum capillo capitis sui, posuitque in Babilone supra lacum.*

Supof-



Sermão no dia

Suposto que o Anjo avia de fazer o caminho, não ficava mais facil tomar elle o comer, & levalo a Daniel? Que necessidade avia de levar ao Propheta desde Judea a Babilenia suspenso pellos ares? não avia necessidade, mas avia rezaõ. Aquella comida pedirase ao Propheta pera sustento de Daniel, no lago estava Daniel, & estavaõ Leoens; seria bem que Abacuh não foubesse quem lhe comia o seu? se Daniel? se Leoens? pois não fique Abacuch em Judea; vá a Babilonia, chegue ao lago, pera que veja com seus olhos que se gasta com Daniel, o que se pediu pera Daniel. Notai: *Portavit eum capulo capitis sui.* Não foy o Propheta levado do Anjo pelo braço, ou pella mão: senão pellos cabellos, *capillo capitis;* & porque mais pellos cabellos, que pella mão, ou pello braço? Porque hia a dar do seu: & como hia de ir, tão difficultosamente se tira o seu aos homens: & quando a repugnancia he tanta; he rezaõ, & he justiça que se mo tiraõ pera Daniel, entenda eu que se não gasta com Leoens; esta he a rezaõ de estado do Ceo: esta deve ser a rezam de estado da terra, & deste modo a inda, que creção as imposiçoens, ainda que creção os donativos (posto que sempre com difficultade) tudo offerece o vassallo com menor sentimento; & o Reyno, &

a Magestade não levará tão injustamente as queixas.

Tenho acabado o Sermão, & com elle a minha obrigação. Mas vós Senhor dai-me licença pera dizer, que ainda não acabastes de todo a vossa: à minha conta esteve mostrar a Portugal felicidades que o esperão: porem à vossa conta fica ainda dar execução às felicidades, que esperão a Portugal. O! logremos já estas esperanças Senhor: não dilatem, nem malogrem nossas culpas o que nos promœtem vossas misericordias: ja que o nosso Monarca foi de vós tão declaradamente escolhido pera Monarca nosso, como instrumento que há de ser felicissimo de vossos favores; & de nossas fortunas; tende em continua, & admiravel protecçam sua vida, & alargai seus annos. segurai sua saude, augmentai suas forças, excitai sua vontade, dirigi suas açoens, & lograi seus intentos, pera que amado cada dia mais dos vassallos, temido dos inimigos, reverenciado dos neutrais, admirado do mundo em serviço vosso, em gloria de vosso nome, & amparo de vossa Igreja, em augmento de seus Reynos; por terra, & mar, na Africa, na Europa, na Asia, & na America, sempre feliz, sempre glorioso; sendo emulação de hum Affonso primeiro nos triumphos; inveja de hum Affonso





# SERMÃO

QUE FALGOU O M. R. N. DOCTOR

FRANCISCO CORREIA

na Igreja da Santa Trindade  
em 17 de Novembro de 1766.

EM COMMEMORAÇÃO DA ACÇÃO DE GRACIAS

que a real e catholica Magestade de Portugal fez ao Senhor  
Rei D. José I. em 1766, e a real e catholica Magestade de  
Castella em 1765, e a real e catholica Magestade de  
Castella em 1765, e a real e catholica Magestade de  
Castella em 1765.

Falou-se este sermão em 17 de Novembro de 1766, duas horas  
depois da celebração da festa de S. Martinho.

OPREZZIO

DELLE ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO

PENITENTE M. R. N. DON DOMENICO

di Castello di S. Marino, e di S. Pietro, e di S. Stefano  
di Castello di S. Marino, e di S. Pietro, e di S. Stefano.

IN COPPIA

con la sua lingua italiana

MORRIMANORI DIAS

1766